

Brasil e Coréia: um estudo comparado dos graus de desenvolvimento econômico nos 1990 e 2000

Lucas Lopes de Almeida^a, Alexandre da Silva de Oliveira^b

a - Bacharelado em Ciências Econômicas – Universidade Paulista

b - Professor de Economia e Coordenador do Curso de Ciências Econômicas – Universidade Paulista

Resumo: Neste trabalho é apresentado uma análise comparativa entre a economia da Coreia do Sul e a do Brasil. Levantando as principais estratégias e fatores que afetaram no desenvolvimento de ambos os países, especialmente nos anos 1990 e 2000. Buscando entender quais foram os principais fatores que influenciaram o desenvolvimento de cada um dos países e o que tornou a Coreia do Sul um dos países mais competitivos do mundo, ressaltando a importância de um país ser competitivo no mercado internacional.

Palavras-chave: desenvolvimento econômico; Brasil; Coréia do Sul.

Abstract: In this paper, a comparative analysis is presented between the economy of South Korea and Brazil. Raising the main strategies and factors that affected the development of both countries, especially during 1990 and 2000. In order to understand what were the main factors that influenced the development of each country and what made South Korea one of the most competitive countries highlighting the importance of a country being competitive in the international market.

Keywords: economic development; Brazil; South Korea.

JEL Classification: F63; I25; O15.

Introdução

Neste trabalho será analisada a economia sul-coreana e a economia brasileira, com maior ênfase no período de 1950 a 1990. Serão evidenciados os principais planos de desenvolvimento que tiveram maior impacto nesse período em ambas as economias, como os planos quinquenais da Coreia do Sul, e o que levou ao sucesso desses planos, tornando a Coreia do Sul um país desenvolvido e um dos mais competitivos do mundo.

Enquanto os planos de desenvolvimento do Brasil tiveram sucesso no curto prazo, por outro lado trouxeram logo após seus termos, um alto endividamento e instabilidade econômica e não tiveram êxito em tornar o Brasil um país desenvolvido.

Será abordado também o contexto em que cada país estava inserido e como esse contexto pode ter atrapalhado ou contribuído para o desenvolvimento de cada um e quais foram as principais semelhanças e diferenças entre as economias.

Os principais fatores que foram estudados e o nível de impacto dentro das economias foram: nível de inflação, nível de investimento no setor privado, nível de investimento na educação e como ocorreu a estruturação das economias no período de 1950-1990.

A principal hipótese que impediu o Brasil de se tornar um país desenvolvido e competitivo internacionalmente foi a falta de um plano de longo prazo bem elaborado, que buscasse simultaneamente o desenvolvimento do setor privado e um alto nível de capacitação.

2 Características estruturais da Coreia do Sul e Brasil

O Estado da Coreia do Sul foi estabelecido em 1948, com a ajuda das forças americanas, após anos de disputa com os interesses da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, no Norte. (MENDES, 2000). Depois que as Coreias foram divididas, houve a instauração do governo militar norte-americano na Coreia do Sul, no período de 1945-1948, com o objetivo de promover a redemocratização. (MICHELE e EDNALDO). Mesmo a economia sul-coreana, tradicionalmente tendo como base a agricultura, desde os anos 60, tem demonstrado grande dinamismo industrial. Com grande ajuda, principalmente dos EUA e, um pouco depois, do Japão, em forma de assistência técnica, contribuindo para o crescimento econômico do país. (MENDES, 2000)

O que diferenciava a Coreia do Sul dos demais países, era a expansão da educação de forma a suportar as exigências das diferentes etapas do desenvolvimento do país. Muitas empresas tinham suas próprias escolas, e a partir de 1974 o governo tornou obrigatório o treinamento dos trabalhadores nas empresas com mais de 300 empregados, e com mais de 150 a partir de 1992. Além disso era crescente o número de matrículas nos cursos técnicos de 2 a 3 anos de duração.

O esforço coreano de alocação de eficiência, e não simplesmente de recursos como alguns economistas norte-americanos popularizaram, pode ser a causa do rápido ciclo de crescimento asiático. Ao longo de sua trajetória de desenvolvimento é facilmente percebido na importante contribuição do progresso tecnológico no crescimento econômico. (MENDES, 2002, p. 7)

A ocupação americana na Coreia foi marcada por incertezas e confusões, isso aconteceu pelo fato dos americanos não terem uma política clara para a Coreia. Após a divisão das Coreias, o governo Rhee implementou duas reformas institucionais importantes. A primeira foi sobre a propriedade de terra que tempos depois ajudou no desenvolvimento social igualitário, e o cultivo de capital humano para o progresso industrial na Coreia do Sul, a Lei de Reforma Agrária, de 1949, fez com que um dos principais obstáculos, sócio-político, para o desenvolvimento nacional fosse promovido. A outra reforma estabeleceu a educação compulsória para os níveis primários. (MENDES, 2000)

Desde o estabelecimento da República Coreana, os grupos de esquerda eram predominantes no país, mas a resistência da Coreia do Sul fez os norte coreanos lançarem um ataque militar em junho de 1950, iniciando a Guerra da Coreia. As forças militares norte-coreanas invadiram a Coreia do Sul e a capital, Seul foi destruída em três dias. A Coreia do Sul conseguiu iniciar sua reconstrução econômica apenas depois do cessar fogo, através de grande assistência econômica dos Estados Unidos, e da Organização das Nações Unidas. Segundo Kwang Suk Kim e Joon-Kyung Kim (1997) neste período começou o crescimento econômico, que foi ininterrupto, com exceção de 1956 e 1980. O crescimento sul-coreano foi de uma taxa anual de 7,6%, durante 41 anos (1953 a 1994), resultado da expansão do PND em 21 vezes. A renda *per capita* cresceu a uma taxa de 5,6% ou 9,3 vezes, enquanto o crescimento populacional foi de 2,2%.

Para esses autores, o crescimento sul-coreano foi liderado pelas políticas de industrialização que enfatizava a reconstrução do país através da substituição das importações, até os primeiros anos da década de 60. A partir de então, foi implantada estratégias de desenvolvimento voltada para a exportação, mas sem abandonar a seletividade das importações substituidoras de importação, principalmente nos anos 70, quando ocorria o desenvolvimento da indústria química e pesada. Nos anos 1980 e 1990 a estrutura industrial já estava formada, a partir da segunda metade da década de 80, foram implantadas estratégias distributivas e de apoio as pequenas e médias empresas, e também do desenvolvimento das indústrias de elevado valor agregado, como a da informação, assim, buscando a globalização da economia. (MENDES,2000)

O desenvolvimento industrial foi centrado na substituição de importações, com as pequenas indústrias locais sendo protegidas por altas taxas de importação e restrições quantitativas. O governo, com frequência, fez uso de mecanismos de licenças seletivas de importação e de um complexo sistema de múltiplas taxas de câmbio para favorecer os futuros chaebols. (Miltons e Michelon, 2008)

As políticas de industrialização, sul-coreanas, foram guiadas pelo governo, através de intervenções no sistema de preços, na relação do governo com os grandes

grupos, e principalmente pelos planos quinquenais de desenvolvimento econômico e social. (MENDES, 2000)

Devido a recessão mundial do final dos anos 70, ao aumento de preços dos combustíveis e ao aumento da inflação, iniciou-se um desequilíbrio na estrutura industrial sul-coreana. O aumento da inflação deveu-se a ênfase nos investimentos em indústrias pesadas numa época de fraca demanda. Buscando o controle desses problemas, o governo estabeleceu um regime monetário para estabilizar o fornecimento de capital, os preços e a economia. Manter a taxas de câmbio reais, expandir os subsídios e os empréstimos estrangeiros para empresas de exportação, foram as principais mudanças na política comercial durante o plano. Apoio ao treinamento de pessoal e a pesquisa e desenvolvimento, também foi enfatizado. O estabelecimento de zona de livre de exportação e a criação de companhias gerais de comércio foram introduzidas para expandir a participação do país nos mercados mundiais. (MENDES, 2000)

O Sétimo Plano foi lançado em 1992, logo depois da Coreia do Sul se tornar membro das Nações Unidas, sua renda *per capita* já alcançava 7 mil dólares. Seus principais objetivos eram buscar uma economia eficiente e saudável, inovar a administração e estabelecer um trabalho eficiente e ético. O governo ressaltava a reorganização da educação e a promoção de treinamento profissional, expansão da infraestrutura e eficiência no transporte, na administração, organização da indústria, reforço das pequenas e médias empresas, melhoria na estrutura agrícola, restabelecimento das funções do governo e expansão da abertura econômica. (MENDES, 2000)

Este plano foi suspenso e substituído no final do seu segundo ano pelo Novo Plano de Desenvolvimento Social (1993-97), quando Kim Young Sam se tornou presidente. Este plano tinha como o objetivo tornar a economia livre do controle governamental e contar com a participação e o espírito inovador da população coreana. Ele também enfatizava a importância de reformas nas finanças, na administração, no orçamento e na ética. As principais direções políticas eram reforçar o potencial de crescimento da economia. (MENDES, 2002, p. 7)

Nos anos 60 a economia sul-coreana atingiu um grau elevado de desenvolvimento. Através da alocação de recursos e oportunidades ao setor privado, muitos *chaebols** (conglomerados empresariais) foram beneficiados pelas políticas do governo. Os principais objetivos do governo Park (1960- 61), foram: facilitar a entrada de capital estrangeiro, promover a substituição de importação de bens de consumo, como comida e têxteis e apoio ao setor agrícola. O principal objetivo do governo Park era as políticas que visavam o desenvolvimento da indústria. (MENDES, 2000)

Park buscou estimular o setor privado para expandir as atividades econômicas, pois nesse período a condições econômicas e de infraestrutura eram pouco desenvolvidas, a Coreia do Sul possuía uma das mais baixas renda *per capita* no mundo e baixo nível de reservas e tecnologia. A alocação de crédito para os grandes grupos passou a ser controlada pela burocracia estatal, de forma a assegurar que os recursos fornecidos pelo os governos fossem usados positivamente. Os grupos deveriam contribuir positivamente para o crescimento econômico e para o aumento das exportações. (MENDES, 2000)

As ajudas do governo eram acompanhadas de critérios de *performance*, principalmente quantidade exportada, era estabelecida, e o governo acompanhava de perto seu cumprimento. O governo passou a influenciar os conglomerados empresariais através de políticas e medidas administrativas como a alocação de licenças para investimentos e crédito para a indústria, com maior ênfase nas grandes empresas. Assim os anos 1960 foram marcados pelo avanço dos *chaebols* para atividades industriais de refinação de petróleo, montagem de produtos eletrônicos e produção de automóveis. Assim. Os *chaebols* cresceram rapidamente passando a ser centro dinâmico da economia Nacional. (MENDES, 2000)

O crescimento econômico era causado, mais pelos investimentos do governo do que pelo o aumento de produtividade nos estabelecimentos já existentes. No processo de alocação de licenças para investimentos, os que apresentavam os

* É o termo coreano que define um conglomerado de empresas em torno de uma empresa-mãe, normalmente controladas por famílias, tais como Samsung, Hyundai e LG.

maiores projetos tinham os melhores acessos aos empréstimos externos e as licenças.

As privatizações de algumas empresas estatais tornaram-se um investimento atrativo e lucrativo para os grupos. As vendas dessas estatais foram realizadas somente entre os grandes grupos, essas vendas foram seguidas de empréstimos bancários baratos, proporcionando grandes oportunidades de crescimento as empresas. (MENDES, 2000)

Em 1994 foi lançado o Plano Real, esse plano foi originalmente concebido como um programa de três fases: a primeira tinha como função promover um ajuste fiscal que levasse as contas do governo ao equilíbrio; a segunda fase era a criação de um padrão estável de valor denominado Unidade Real de Valor (URV) e a terceira era conceder poder liberatório a unidade de conta de forma a garantir a sua estabilidade. (CASTRO, 2005)

A primeira fase do Plano Real foi composta por dois esforços de ajuste fiscal, o Programa de Ação Imediata (PAI), e a aprovação do Fundo Social de Emergência (FSE). O PAI tinha como objetivo, redefinir a relação da União com os estados e municípios e do Banco Central com os bancos estaduais e federais, além de promover amplo combate à sonegação. O objetivo do FSE era atenuar a excessiva rigidez dos gastos da União ditada pela constituição de 1988.

O diagnóstico do desajuste das contas públicas, principal causa da inflação brasileira, tornou o Plano Real diferente de alguns de seus precursores das décadas de 1980 e 1990. Assim, a segunda fase do Plano Real, se deu com a criação da URV, buscando a desindexação para a estabilização dos preços.

De fato, a Medida Provisória (MP) 542, que deu início a terceira fase do Plano Real, apresentava um conjunto de medidas sobrepostas, algumas das quais inconsistentes entre si. Eram elas, entre outras: (1) o lastramento da oferta monetária doméstica (no conceito de base monetária) em reservas cambiais, na equivalência de R\$ 1 por US\$ 1 (Art.3 da MP) ainda que essa paridade pudesse ser alterada pelo Conselho Monetário Nacional (§ 4, alínea c); (2) a fixação de limites máximos para o estoque de base monetária por trimestre (até março de 1995), podendo as metas serem revistas em até 20%; e (3) a introdução de mudanças institucionais no funcionamento do Conselho Monetário Nacional, buscando dar passos em direção a uma maior

autonomia do Banco Central. (CASTRO, 2005, p. 157).

Nos anos que se seguiram, a economia brasileira apresentou uma inflação estável, apesar de algumas crises que ocorreram nos anos 1990 e um forte impacto nos setores privados do país, devido a ampla abertura comercial desta década.

3 Análise comparativa do Brasil e da Coreia do Sul

A partir de 1950 a economia brasileira e a sul-coreana, começaram a apresentar diversos planos de desenvolvimento econômico que alavancou períodos de grande crescimento econômico. Como podemos ver na tabela abaixo.

Tabela 1 - Desempenho econômico

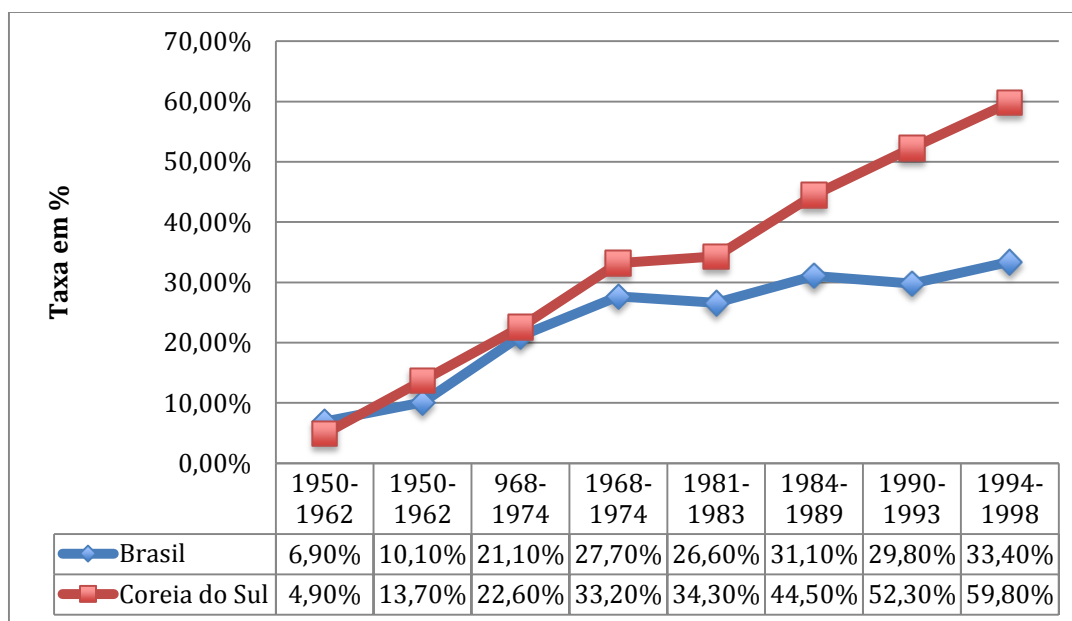
Coréia do Sul		Brasil	
Ano	Taxa média	ANO	Taxa média
1950-1962	4,90%	1950-1962	6,90%
1963-1971	8,80%	1963-1967	3,20%
1972-1975	8,90%	1968-1974	11,00%
1976-1979	10,60%	1975-1980	6,60%
1980-1982	1,10%	1981-1983	-1,10%
1983-1987	10,20%	1984-1989	4,50%
1988-1993	7,80%	1990-1993	-1,30%
1994-1997	7,50%	1994-1998	3,60%

Fonte: Várias fontes, Banco Mundial e FMI, projeções para 1999 e 2000 baseadas no “*Consensus Forecast*”

Grande parte desses planos buscavam, o desenvolvimento econômico e ou a estabilização da economia. Podemos observar no gráfico abaixo, que ao longo do tempo os planos de desenvolvimento econômico sul-coreano, gerou um crescimento sólido e taxas positivas de crescimento no longo prazo, proporcionando um crescimento considerável ao longo de 5 décadas, enquanto os planos brasileiros de

desenvolvimento econômico apresentaram ao longo do tempo diversas oscilações e até taxas de crescimento negativas.

Gráfico 1 - Dados acumulados da tabela 1



Fonte: Várias fontes, Banco Mundial e FMI, projeções para 1999 e 2000 baseadas no “Consensus Forecast”

Logo após a divisão das coreias, em 1948, a economia sul-coreana tinha como característica principal a agricultura e a indústria de manufatura têxtil, de vestuário, calçados e alimento.

A Coreia do Sul começa a estruturar sua economia a partir de 1950. Uma de suas primeiras medidas foram, o cultivo de capital humano para o progresso industrial e a adoção da educação obrigatória. O governo sul-coreano destinou um terço dos gastos totais do governo para a educação e dois terços para a iniciativa privada. Essas ações do governo demonstravam claramente que a Coreia do Sul, desde o início, buscou uma forma de promover um crescimento sustentável. (MENDES, 2000)

A estruturação* da economia brasileira começa em 1930. O Brasil sempre teve como sua principal base a agricultura e a extração de minérios. Dentro dessas bases pode se ressaltar o cultivo do café, da cana-de-açúcar e também a extração de minérios.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, uma das primeiras medidas do governo foi abrir a economia para todo tipo de importação, buscando assim a reequipagem da indústria nacional. Essa medida alavancou um período de grande desenvolvimento para a economia brasileira. (BRESSER, 2003)

Com base nos períodos das duas economias citadas acima, fica evidente que a decisão da Coreia do Sul em fazer investimento simultâneo na educação e no setor privado, revela um pensamento de longo prazo que visava desenvolver o país através de um projeto bem elaborado, enquanto a economia brasileira ao abrir sua economia, deixa claro a busca por resultados rápidos, pois com a abertura da economia ocorre a entrada de diversas empresas estrangeiras. A entrada dessas empresas no país traz benefícios e malefícios; os benefícios são as inovações tecnológicas e os malefícios, dentro de uma economia arcaica igual à do Brasil daquela época, foi que muitas empresas nacionais foram a falência criando grandes conglomerados estrangeiros, devido ao baixo grau de profissionalização e qualificação dos trabalhadores brasileiros, as empresas nacionais sofriam com um alto grau de improdutividade e ineficiência. Nesse período o governo sul-coreano buscou, resolver o problema da improdutividade e ineficiência logo de início enquanto o Brasil buscou resultados no curto prazo, que ao longo do tempo demonstraram-se flutuantes.

3.1 1950-1960

O período de 1950 a 1960, o governo sul-coreano reforçou as políticas de industrialização por meio do processo de substituição de importação. O governo guiava todo o processo de desenvolvimento da indústria através de uma burocracia estatal extremamente eficiente. Algo muito importante, foi a continuidade dos planos de desenvolvimento no decorrer dos governos e, independente da mudança de

* Ato, processo ou efeito de estruturar, de dar ou adquirir estrutura; estruturamento.

presidentes. A Coreia do Sul continuou a estimular a educação e a profissionalização da população, aumentando o capital humano. (MENDES, 2000)

No começo desse mesmo período (1950 a 1960), o governo brasileiro mantém a taxa de câmbio sobrevalorizada. Em 1953 as exportações começaram a diminuir, no ano seguinte o governo buscou dar maior ênfase para os problemas com a inflação. Em 1955 foi lançado o Plano de Metas, esse plano deu grande ênfase no investimento público e privado, no setor industrial e de infraestrutura. Em 1956 o setor agropecuário tinha o mesmo peso que a indústria de transformação no PIB, o governo da época encarou esse ocorrido como um atraso econômico, nos anos seguintes, com a implantação do Plano de Metas, o setor agropecuário perde espaço para o setor industrial. O plano buscava desenvolver principalmente os setores de energia e transportes. (BESSERMAN, 1990)

Em relação a política de substituição de importação, diferentemente do que ocorreu no Brasil, todas as empresas instaladas nesse período na Coreia do Sul eram nacionais, e o forte incentivo na educação e no setor privado, que já vinha ocorrendo há pelo menos uma década, fez com que esse processo fosse bem-sucedido.

O investimento na qualificação de profissionais para suprir a demanda do setor privado, depois de grandes investimentos do governo, iguais aos que aconteceram no Plano de Metas, seria fundamental. Essa capacitação de profissionais deveria ter começado décadas antes, pois para profissionalizar de forma eficiente uma população leva anos, esse processo deve começar ainda com a educação de base, para que todo o processo de profissionalização seja sólido. (SOUZA, 2012)

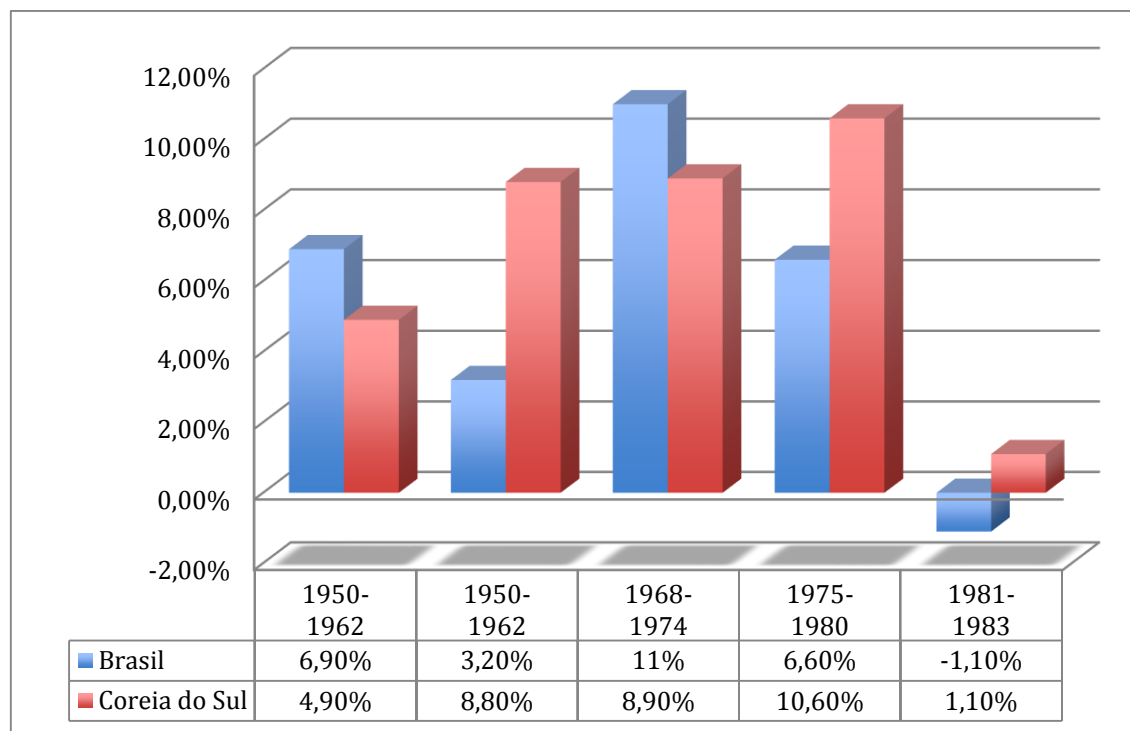
A economia da Coreia do Sul já estava com uma base bem robusta, se desenvolvendo por etapas, enquanto a economia brasileira havia crescido de forma esplêndida, mas um crescimento burro, um crescimento que era mantido praticamente só com estímulos do governo que não tinha base e nem estrutura para se manter ao longo do tempo. Esse crescimento foi puxado basicamente pela indústria de bens duráveis. Esse tipo de indústria exige uma demanda enorme das indústrias de base e de capital, por sua vez, esses dois setores não estavam bem desenvolvidos no Brasil, o que elevou de forma absurda as importações de modo a suprir as indústrias de bens

duráveis. Isso causou um enorme transtorno no balanço de pagamentos. O risco da dependência externa que o Brasil estabeleceu ficou evidente nos anos seguintes com a primeira crise do petróleo.

Com toda a estrutura que a Coreia do Sul já havia construído anteriormente, isso já era possível. O mercado de alta tecnologia, é um setor altamente rentável, que poucos países no mundo conseguem atuar, além de ser um setor que traz grande produtividade para o país, tornando as empresas ainda mais produtivas e competitivas no cenário internacional. Houve também incentivos, treinamento e capacitação de pessoal. Todas essas decisões do governo eram evidentes, proporcionar grande produtividade e inovações para ter alta competitividade no mercado internacional.

O Brasil, diferentemente da Coreia do Sul, teve governos que buscaram transformar o país em uma nação desenvolvida em espaço de tempo muito curto, o que trouxe muitos ciclos de altas e baixas e crescimentos flutuantes, assim o período de crescimento sempre vinha acompanhado de algum tipo crise e um governo altamente endividado. Já a Coreia do Sul construiu seu desenvolvimento por etapas, assim proporcionou períodos de crescimento constantes, ao contrário do Brasil, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 4 - Crescimento médio do PIB no período de 1950 a 1983



Fonte: Várias fontes, Banco Mundial e FMI, projeções para 1999 e 2000 baseadas no “Consensus Forecast”

Mesmo o cenário internacional não sendo favorável no período de 1981 a 1983, a Coreia do Sul conseguiu ter um crescimento médio positivo nesse período, enquanto o Brasil obteve resultado negativo. Isso evidencia que Coreia do Sul possuía uma base consistente, com uma economia robusta, eficiente e competitiva, isso devido a planos de investimentos e estratégias bem elaborados. Já o Brasil, não possuía uma economia sólida para suportar a crise do mercado internacional, essa crise evidenciou a fragilidade da economia brasileira, e que os investimento não foram eficientes a ponto de construir uma economia eficiente e sólida, mas sim, esses investimentos apenas elevaram o PIB em um período curto de tempo, com fortes incentivos ao setor privado e quase nenhum na educação, na profissionalização e capacitação de mão-de-obra qualificada para suprir o setor privado, gerando grande ineficiência e improdutividade nesse setor.

3.5 1982-1991

Diferentemente da Coreia, o Brasil sempre buscou planos que pudessem desenvolver o país em um período de tempo muito curto. O período acima evidencia o quanto a economia brasileira estava desorganizada. Em um período de três anos foram lançados um plano por ano, e nenhum dos planos cumpriu seu propósito. A falta de um planejamento estratégico de longo prazo, fez com que a economia brasileira não conseguisse se desenvolver. Enquanto a Coreia estava buscando competir no mercado internacional, o Brasil estava ainda buscando uma maneira de estruturar sua economia, mas não por etapas, e sim com uma solução que pudesse ser implantada em um período de um mandato presidencial.

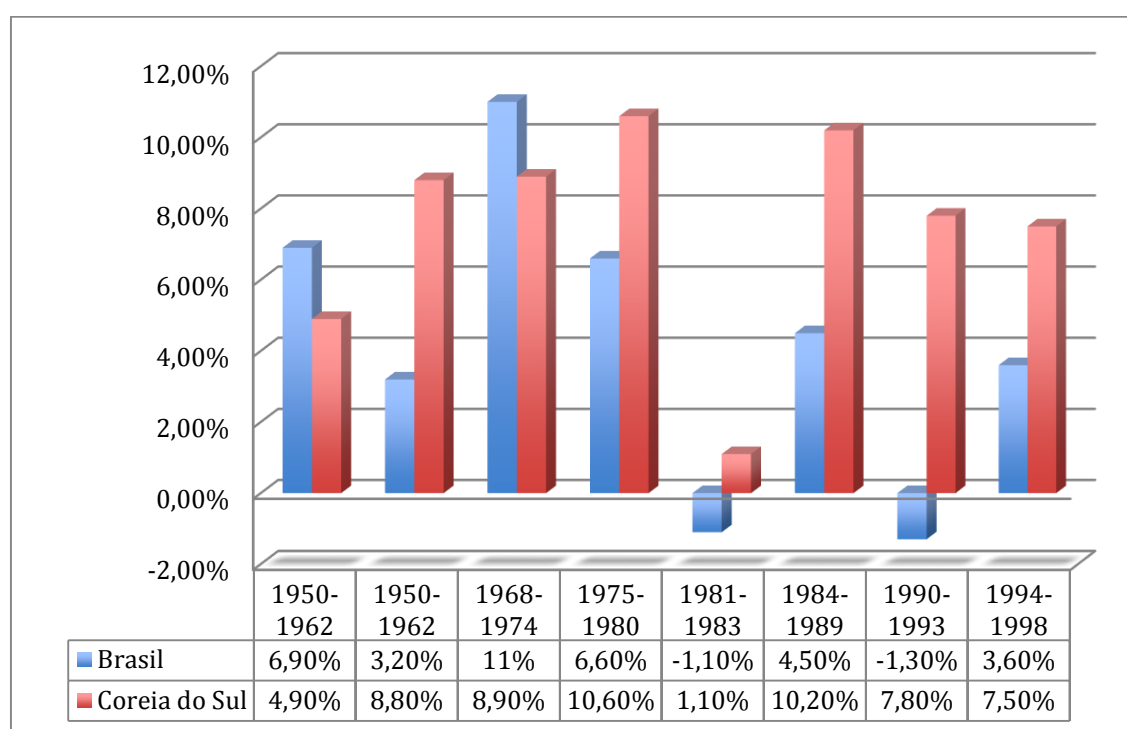
Em 1994 foi lançado o plano Real, esse plano, foi originalmente concebido como um programa de três fases, a primeira fase tinha como função promover um ajuste fiscal que levasse as contas do governo ao equilíbrio, a segunda fase, era a criação de um padrão estável de valor denominado Unidade Real de Valor (URV), e a terceira era conceder poder liberatório a unidade de conta de forma a garantir a sua estabilidade. O Real adotaria âncora monetária e o câmbio atuaria numa banda assimétrica, isto é, seria livre para oscilar para baixo, mas teria o teto fixo em 1 real = 1 dólar (CASTRO, 2005)

Em 1992, a Coreia já tinha uma economia estável e consolidada, logo os objetivos do governo visam tornar a economia saudável e eficiente, isso já era totalmente possível, pois a Coreia possuía empresas eficientes e competitivas, renda bem distribuída e profissionais bem qualificados. A economia tinha plena capacidade de inovação e competir no mercado internacional. O governo estava sempre buscando a máxima eficiência em todos os segmentos através de capacitação e alocação de recursos. Não apenas eficiência era a meta do governo, mas também um trabalho ético e transparente. Todos esses fatores davam grande credibilidade a Coreia do Sul e proporcionava uma economia extremamente competitiva. Mas em 1993, esse plano foi substituído pelo plano de desenvolvimento social, com o objetivo de diminuir o tamanho do estado na economia e reforçou alguns objetivos do plano anterior. As empresas coreanas não precisavam mais de incentivos nesse período, as empresas

já tinham total capacidade de se manter sem as intervenções do governo.

Diferentemente da Coreia do Sul, os governos brasileiros sempre desenvolveram estratégias de curto prazo e isso refletiu em uma economia flutuante, enquanto a Coreia construiu uma economia sólida, que ao longo do tempo sempre teve resultados bons, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 5 - Crescimento médio do PIB no período de 1950 a 1998



Fonte: Várias fontes, Banco Mundial e FMI, projeções para 1999 e 2000 baseadas no “Consensus Forecast”

Analisando o gráfico, fica evidente que as estratégias de desenvolvimento dos governos sul-coreanos, proporcionaram ótimos resultados, tornando a economia eficiente e competitiva, enquanto as estratégias dos governos brasileiros apenas proporcionaram resultados flutuantes.

Considerações finais

Por meio da análise comparativa das características estruturais do Brasil e Coreia do Sul, pode-se concluir que, desde o início, o intuito dos governos sul-coreanos, era tornar a Coreia do Sul um país competitivo no mercado internacional, enquanto a principal características de todos os governos brasileiros, a partir de 1930, era a busca por resultados rápidos, independente das consequências no longo prazo.

Enquanto o governo coreano estava organizando sua economia por etapas, de forma organizada e estratégica, o governo brasileiro estava sem rumo, não sabia qual era a melhor decisão para ter o maior resultado possível em menor tempo, "pulando" etapas, e assim gerando um desequilíbrio ainda maior, causando muitas instabilidades ao longo desse período.

O Brasil, passou por períodos semelhantes aos da Coreia do Sul em sua história, tais como governos autoritários e processo de substituição de importação. A Coreia havia acabado de se libertar do domínio japonês, passou pela divisão de seu país. Sua economia era basicamente agrária, o país havia perdido praticamente todas as suas indústrias, que ficaram com a Coreia do Norte. Mesmo com todos esses fatores, a Coreia do Sul conseguiu se desenvolver e se tornar, nos dias de hoje, um dos 30 países mais competitivos do mundo. Isso devido ao planejamento estratégico de longo prazo.

A parceria entre o governo coreano e o setor privado, foi sem dúvidas, um dos principais fatores que ajudou no desenvolvimento do país. As decisões do governo eram executadas de forma a promover o setor privado, e não havia incertezas por parte do governo, pois o objetivo era claro, ou seja, o de desenvolver o país. A Coreia do Sul buscou desenvolver todos os setores, e essa foi uma maneira de promover o desenvolvimento, sem desequilíbrios. Quando houve o desequilíbrio entre o setor industrial e o agropecuário, no Terceiro Plano de desenvolvimento coreano entre 1972 e 1976, quando a agropecuária começou a perder espaço para a indústria, o governo buscou incentivar a agricultura, pois assim não haveria desequilíbrios entre os setores. A estratégia do governo sul-coreano era manter todos os setores produzindo com máxima eficiência, assim não haveria aumento de custos em nenhum setor, podendo dessa forma ofertar seus produtos com menor preço e maior qualidade.

É evidente que não se deve manter uma economia fechada sem ter uma estratégia de desenvolvimento, pois isso causaria inflação e uma economia desequilibrada, mas também não se deve ter uma economia vulnerável ao mercado internacional sem um planejamento estratégico que busque desenvolver o país. Uma economia ineficiente vulnerável ao mercado internacional sofreria com altas taxas de desemprego e instabilidade. Empresas estrangeiras tendem a trazer o mínimo de progresso necessário para ela poder atuar dentro do mercado, e no longo prazo retirar recursos do país onde estão instaladas e levar ao seus países de origem. O retorno que empresas estrangeiras trazem para países com uma economia ineficiente igual a do Brasil, acaba saindo muito caro ao longo do tempo.

O sucesso sul-coreano não se deu apenas pelas estratégias de desenvolvimento. Um dos fatores que teve grande influência no desenvolvimento, foi a cultura sul-coreana, uma cultura que é derivada do confucionismo. Os principais valores desta cultura são: a moral, a política, a pedagogia e a religião. Esses valores estimulam o desenvolvimento da educação, da qualificação e do planejamento estratégico de longo prazo. O governo coreano tinha o apoio da população e do setor privado em suas estratégias de desenvolvimentos, isso foi fundamental para o sucesso do desenvolvimento da Coreia do Sul.

As estratégias de desenvolvimento brasileiras também sofreram influências pela cultura do país, mas diferentemente da coreana, a cultura brasileira sempre foi de obter resultados rápidos com planejamento de curto prazo, e se os governos apresentassem projetos que só tivessem resultados depois de uma década, como investimentos em educação, por exemplo, o governo sofreria grande pressão da população e do setor privado. Isso já ocorreu algumas vezes ao longo da história brasileira: governos que não conseguiam controlar a inflação ou proporcionar resultados constantemente crescentes tiveram seus fins antecipados por pressão da sociedade. Isso está ligado diretamente à falta de conhecimento da população em política, economia e da importância do planejamento de longo prazo. Se a população tivesse conhecimentos básicos nesses assuntos, o conceito do planejamento de curto prazo que proporciona apenas resultados flutuantes, como a expansão do PIB no curto prazo, poderia ficar no passado, proporcionando expectativas futuras mais promissoras.

O modelo de desenvolvimento sul-coreano deixa evidente que apenas o investimento em educação e qualificação não são condições suficientes para desenvolver um país, mas apenas condições necessárias. Existem outros fatores que influenciam nesse processo, e um dos principais fatores é o investimento no setor privado; assim, haveria demanda pela mão-de-obra qualificada produzida pelos investimentos do governo. Não adianta ter um grande excedente de mão-de-obra qualificada se não houver demanda por essa mão-de-obra. Esse fator torna a hipótese do trabalho verdadeiro, como a estratégia de desenvolvimento coreano demonstrou, o investimento simultâneo em educação e no setor privado (população qualificada, empresas eficientes e competitivas) é condição necessária para o desenvolvimento de um país.

O Brasil é um país que possui grande concentração de renda, algo que as estratégias de desenvolvimento sul-coreanas buscaram combater firmemente. A importância de uma renda bem distribuída está ligada diretamente ao consumo bem nivelado, o que iria manter o mercado interno sempre aquecido. Mas não é apenas uma renda bem distribuída que é importante, e sim uma renda distribuída e que seja suficiente para uma pessoa ou uma família viver com dignidade. Isso reafirma a importância de uma população bem qualificada, o que proporcionaria uma economia eficiente, capaz de ter uma distribuição de renda digna para a população.

O processo de tornar-se um país competitivo envolve diversos fatores e muitas décadas de investimentos, assim, a melhor forma de dar continuidade neste trabalho é fazer um estudo para encontrar maneiras das empresas brasileiras poderem atuar de forma eficiente e competitiva, através de gestão estratégica e alocação de eficiência, com o intuito de liderar o mercado, indiferentemente de qual seja o mercado atuante.

Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. **Revista de Economia Política**, v. 30, n. 1, p. 45-62, 2010.

MASIERO, Gilmar; GUIMARÃES, Samuel Pinheiro. A economia coreana: características estruturais. **Guimarães, Samuel Pinheiro, Coréia: visões brasileiras, Brasília: IPRI**, p. 199-252, 2002.

MILTONS, Michelle Merética; MICHELON, Ednaldo. Educação e crescimento econômico na Coreia do Sul. **Anais do Encontro Regional de Economia**, 2008.

HAGUENAUER, Lia. Competitividade, conceitos e medidas. Uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. **IEI/UFRJ, TPD**, v. 208, 1989.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Desenvolvimento e crise no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento econômico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PAIVA ABREU, M. et al. **A ordem do progresso**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1990.

GIAMBIAGI, F. et al. **Economia brasileira contemporânea**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. Campos, 2005.